



ILUSTRAÇÃO  
PORTUGUEZA

II SERIE

N.º 713

20 de Outubro  
de 1919

— 15 c. —



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA  
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.  
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 15 ctv.  
Numero avulso em todo o Brazil, 700 réis.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:  
Trimestre ..... 1500 ctv.  
Semestre ..... 3875 »  
Ano ..... 7550 »

Redacção, administração e oficinas: Rua do Securo, 43 — LISBOA



## DOENÇAS DE PEITO

TOSSE, GRIPES, LARYNGITE, BRONCHITE,  
RESULTAS DE COQUELUCHE E DE SARAMPO

## PULMO SERUM BAILLY

Sob a influencia do "PULMO SERUM"

A tosse socega-se immediatamente.

A febre desaparece.

A oppressão e as punçãdas na illharga socegam-se.

A respiração torna-se mais facil.

O appetite renasce.

A saude reaparece.

As forças e a energia recobram vida.

EMPREGADO NOS HOSPITAES, APRECIADO PELA MAIORIA  
DO CORPO MEDICO FRANCFZ.

EXPERIMENTADO POR MAIS DE 20.000 MEDICOS ESTRANGEIROS.

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

MODO DE USAR

Uma colher das de chá pela manhã e pela noite,

Laboratorios A. BAILLY  
15, rue de Rome, PARIS



## Incomodine

Grande e unico especifico que energicamente e sem o minimo perigo ou inconveniente normalisa rapidamente a menstruação. Caixa (dose regular), com instruções em portuguez, 3\$00; pelo correio, registado e occulto, mais 100 réis. Depósito no sul: Farmacia J. Nobre, Rocio, 109 e 110, Lisboa. No norte: Porto: Farmacia Dr. Moreno, Largo de S. Domingos, 44. Em Coimbra: Drogaria Marques, Praça 8 de Maio, 34. Em Braga: Farmacia dos Orfãos, Praça Municipal.

Vêr, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO "SÉCULO"

Preço: 3 centavos

# Klidina

## XAROPE

DE  
**ODO E GLICEROFOSFATOS**  
ASSOCIADOS  
para tratamento das

CREANÇAS  
raquíticas, escrofulosas, linfáticas

Substitue o Oleo de Figados de Bacalhau e o Xarope Iodo Tanico, com a vantagem de ter sabor agradabilissimo.

E a medicação propria dos climas quentes

**FORTALECE AS CREANÇAS**  
**ABRE-LHES O APETITE**

Todas devem tomar

# Klidina

PEDIDOS A  
**DAVITA, L. DA**

83, RUA EUGENIO DOS SANTOS  
LISBOA

Trabalhos tipograficos em todos os generos  
FAZEM-SE NAS OFFICINAS DA  
"ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"  
Rua do Securo, 43 LISBOA

## GABINETE DENTARIO

Direcção Mario Duarte  
Clínica de  
Praça dos Restauradores, 13.  
Tellep. 3300 e 3652 — LISBOA

## Companhia do PAPEL DO PRADO

sociedade anónima de responsabilidade limitada

Ações ..... 300.000\$00  
Obrigações ..... 288.630\$00  
Fundos de reserva e amorti-  
tisação ..... 300.000\$00  
Escuços ..... 1.008.630\$00

SEDE EM LISBOA. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobreirinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Lousã), Vale Maior (Abergaria-a-Velha). Instala-das para uma produção annual de 6 milhões de quilos de papel e dispoñdo dos maquinis-mos mais apertecoados para a sua industria. Tem em depósito grande variedade de pa-péis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornais e publicações pe-riodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e em-presas nacionais. — Escritorios e depósitos: LISBOA, 270, rua da Princeza, 270. PORTO, 49, rua de Passos Manoel, 51. — Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado. — N.º telet.: Lisboa, 003. Porto, 117.

Depósito geral no PORTO: Consul-torio Dentario J. Matos, Rua Sá da Bandeira, 255. — Em LISBOA: E.

## TONIKIM

O ALIMENTO E JUVENTUDE  
DOS CABELOS

Silva, Rua Arco Bandeira, 207, 2.º E.  
— Em BRAGA: Gomes & Matos, Aven-ida Central. — No BRAZIL PARA: A. Matos, Rua Padre Prudencio, 665

Reconstituente  
Alimento Phosphatado

## BANANINE MIALHE

Creanças, Convalescentes,  
Tratamento das enterites

8, Rue Favart, Paris



# ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SECULO»

II Serie — N.º 713

Lisboa, 20 de Outubro de 1919

15 Centavos

## CRONICA

### A MENSAGEM PRESIDENCIAL

Não houve duas opiniões ácerca da mensagem lida pelo sr. dr. Antonio José de Almeida, no ato da posse do supremo logar que occupa; a impressão produzida não podia ser melhor, conforme acentuaram os órgãos de todos os partidos da Republica e para essa impressão muito contribuiu — disseram-no os mesmos órgãos — o modo como estava redigida, em português corrente, sem arrebitos tão do gosto dos nossos oradores e escritores, principalmente quando precisam de mascarar a pobreza das idéas.

Vê-se que o novo presidente sabe o que quer e é por isso que sabe o que diz e que diz com clareza. Tendo de falar para todos, serviu-se de linguagem a todos compreensível, excelente indicio, por ventura emenda de arreatamentos passados; o tempo dos rasgos de retorica para deslumbramentos passou de vez e assim o compreendeu o sr. dr. Antonio José de Almeida, n'um comedimento de estilo que outros comedimentos promete, com o que todos folgaremos.



### CASA DE JORNALISTAS

Em breve será uma realidade a casa dos jornalistas, porque as adesões multiplicam-se de momento a momento e essas adesões não teem sido, na sua maior parte, apenas de palavras: são já palpaveis os seus resultados, na aceção rigorosa do termo. Ha ainda muito a fazer, certamente, mas o exito não é duvidoso, com surpresa de varias pessoas que costumam agourar mal de todos os cometimentos e que, em especial, julgavam este inexequivel, habituados como estão á ingratidão dos homens. Ninguém hoje põe em duvida o valimento do jornalista, os mil favores que presta, sem que para isso seja necessario abdicar da sua independencia; está-se, porém, costumado a encarar essas condescendencias como uma especie de dever de cargo e d'ai a descrença e receio de que a idéa não fosse por deante. Mas vai, porque os tempos, como acima dizemos, são muito diversos d'aqueles em que o jornalista tinha apenas uma casa, quasi certa: o Limoeiro...



### A ALDEIA PORTUGUÊSA EM FRANÇA

Outra idéa que fructificará é a que teve o illustre artista Leal da Camara, em se estabelecer na Flandres, como recordação da gloriosa passagem dos nossos soldados por ali, uma aldeia portuguesa: invenção de poeta, dir-se-ha, mas que desagradavel seria a vida se a não alegrasse a fantasia, se fosse apenas uma luta de interesses, em que vencesse o mais ponderado e o mais egoista?

Ficarão assim os francezes conhecendo um pouco de Portugal, porque na verdade Portugal é a aldeia e não a grande cidade, e para portuguezes como que o seu proprio coração palpitará na terra, onde muitos dos seus passaram ho-



ras amargas ou felizes e onde tantos ficaram para sempre. E' pena que para ali tambem não possamos levar os nossos cantos, o nosso ceu, os nossos amores, o nosso caracter, emfim, para que cessassem as confusões geograficas e etnicas de que lá por fóra somos victimas e se perdesse de memoria a estúpida afirmação da opereta, que nos attribua, como qualidade primacial, uma alegria permanente. Os portuguezes nem sempre são alegres, segundo se canta na tal opereta, mas o que são sempre, o que mostraram ser n'essa mesma Flandres, é — amigos dos seus amigos, como chãmente se diz por cá.

### LIVROS

Não nos tem chegado o tempo para a leitura das obras que temos recebido, nem as impertinencias de uma demorada «grippe» consentem a atenção que nos merecem alguns nomes que respeitamos. Desempenhar-nos-hemos, logo que nos seja possivel,



do agradável encargo de expôr a nossa impressão sobre esses livros, e por agora, respondemos apenas á autora d'um livro recente, que nos pergunta qual é o melhor romance portuguez dos ultimos tempos, que ninguem se póde pronunciar sobre o assunto. Uma opinião pessoal, é o mais a que podemos chegar e essa é inteiramente favoravel ás «Terras de Demo», de Aquilino Ribeiro, por muitas razões, uma das quais é o da riqueza e propriedade do vocabulario, que foi buscar a boa fonte — ao povo.

E já agora, se á consultante não aborrece a leitura d'um soneto que aquele romance nos sugeriu, com ele pomos fim á «Crónica» de hoje:

### A LINGUA PORTUGUÊSA

Assim como onde tem maior pureza  
A limfa, é na mã d'agua, por ventura  
Assim tambem na aldeia é que é mais pura  
A minha amada lingua portuguesa,

Na sua elegantissima rudeza,  
Como nos seus extremos de doçura,  
Todos os pensamentos emoldura  
N'uma espontanea e artistica beleza.

Oigo-a forte, nas feiras, discutindo,  
Nos serões oigo-a meiga, namorando,  
E é sempre um trecho de poema lindo,,

Aqui soberbo, além risonho e brando,  
Porque é de Portugal o mar bramindo  
E é tambem nosso o rouxinol cantando).

Acacio de Paiva.

(Ilustrações de Rocha Vieira).



# Amor



Abel Botelho

## VIDA ARGENTINA (NOVELA)

### TRECHO DO ROMANCE POSTHUMO

DE  
*Abel Botelho*

*Abel Botelho deixou um lugar na literatura portugueza. Foi o autor do Barão de Lavos, do Livro d'Alda e de muitos outros romances de patologia social. Foi nosso ministro na Republica Argentina e no exercicio d'esse cargo morreu. Deixou um romance que a casa editora do Porto Lelo & Irmão vae publicar. D'esse romance damos hoje um excerpto, o primeiro que se publica. Para o acompanhar damos um inédito de Luiz Morote, o jornalista hespanhol bem conhecido e tambem já morto.*



seguir, volveu a informar-se com mais detalhe das diversões que havia planeadas. Queria, em suma, saber o que a esperta inventiva de tam preclara gente havia concertado para colmar um pouco o tedioso vácuo da prosaica vida do campo. Falaram-lhe na projectada festa ao «ombú»; na benta iniciação da «estancia»: achou plebeu, pueril, ingénuo. Para o dia seguinte havia uma «doma de potros», aguardada com impaciencia pelo Silveira; porém, seguramente, as senhoras não iriam. Maria Mercedes não se conformava, não podia suportar esse espectáculo, que ela reputava em extremo repugnante e bárbaro, bestial. Redondamente opunha-se. Belisário pediu licença para discordar,—pois, pelo contrário, essa primeira brusca e sábia investida do homem com o irracional era a mais linda lição de coragem, de intelligencia, de destreza e de força; era um belo torneio para cujo completo realce, como em Espanha nas toiradas, se tornava indispensavel a presença e o aplauso da mulher, que é a suprema encarnação da beleza. E a poder de dulcerosas instancias, de arditos lisonjas e vivas frases sugereentes, o meliante conseguiu o assinalado triunfo de conquistar a aquiescência difficil da viúva, a qual por fim, reptada a que declarasse formalmente se estava, ou não, disposta a acompanhá-los, prometeu que sim!

No dia seguinte, às primeiras horas da tarde, a alegre caravana em movimento. Houve que fazer uma longa hora de caminho, sob a pantalha de ouro do sol, delidos na rasa imensidão implacável da planura. Pela angosta e rudimentar carreteira, ou triturando aquela imensa alfombra verde, o auto seguia tombeando e oscilando, numa cautelosa marcha de incerteza, moderadamente, erguendo rolos de poeira ofegante, ladeado pelas donairoas figuras do Silveira e Jorge, que galpavam à estribeira. E agora alcançavam uma larga mancha de terreno pastoso e lamacento, onde, a um lado, se aglomerava uma encantadora mólhada de equídeos, bravos, garbosos, finos, com o ar surpessão e selvagem, a sua insofrida dispersão contida pelo disciplinário esforço de meia dúzia de «gauchos» montados, áperos e



duros de roda circulando. Um outro grupo interessante se notava, de bruta peonada, de

### Un gran novelista

*La epoca en que vivimos no es la epoca de la poesia lirica ni casi de la poesia dramatica, sino de la novela, de ese esplendido, último y robusto fruto del arte moderno á cuyo engendro han contribuido por igual la filosofia en sus nuevas formas sociológica y psicológica y la estética eterna madre de belleza y de verdad.*

*Abel Botelho és un cultivador notable é insigne de la novela, de la novela actual que no es pura y amena imaginación ni ciencia pura sino el feliz matrimonio de la naturaleza y del ideal, de la realidad y de la inventiva. Procede Abel Botelho de la ilustre parentela de los Balzac, de los Stendhal, de los Goncourt, de los Flaubert, de los Daudet, de los Zola, de los Maupassant que tuvo su estirpe gloriosa en Portugal con Eça de Queiroz, hermano por el alma de los grandes naturalistas franceses, italianos, rusos, españoles...*

chinerio nativo, de carripanas, cavaleiros, de rôtos, mulheres e crianças, todos num empilhamento do interesse contornando daquela arena de acaso o piso brande e revólto, o vago e amplo recinto. Fóra, na lisa nudez da



# Crioulo

campina e a pequena distância, uma boa fogueira ardia, chispando estabaredas. Preparava-se nesta improvisada cosinha rústica o clássico e delicioso acepipe de «asado con cuero». A' mingua de lenha, o fogo era alimentado por toda a sorte de detritos orgânicos: destroços de mobília, folhas secas, farrapos, palha, ossos. Pelo espiralado intervalo entre duas línguas de lume apercebia-se uma caveira oblonga, na rubra ardência do brazeiro luzindo a sua álgida alvura, macabramente. E naquele justo momento um velho peão surdía, ajojado ao péso duma perna de cavalo, já em parte putrefeita, e que ao ser arrojada ao fogo, desse calcinado monte de impuizas fez erguer uma labareda de fumo gordo, negro e nauseante.

Na parte reservada do recinto, havia sido batida à pressa uma tósca bancada de honra, destinada aos recém-vindos. Mas deste primitivo instrumento de relativa comodidade apenas Belisário e o velho Saavedra se utilizaram. As senhoras preferiram manter-se furtamente a distância, empalancadas no seu auto. Jorge e o Silveira haviam-se logo apeado, e acercaram-se ligeiros da manada. — E já agora, a um sinal dado, um galhardo moceão no mesmo sentido avança, e, despedindo certoiro o laço, colhe pelo pescoço e arrasta até meio do terreiro um dos pobres animais, que daí a instantes, infurecido e trémulo de espanto, sente também por meio de novas voltas de laço, irremissivelmente presos em nós de cordas os quatro membros.

Então, um simples esticão dado às prisões, sacudido e forte, rompe com o precário equilíbrio da vítima, que tomba em péso sobre o sólo, em risco de se lhe deslocarem as articulações ou partirem os ossos. E aí se precipitam sobre o assombrado pôtro, que, louco de terror, se debate frouxamente, quatro espertos matulões, a segurá-lo e a enleá-lo mais forte, por meio de consabidas travas, té que o imobilizam por completo. Outros lhe sucedem neste anacrónico e despiadado exer-



Abel Botelho  
(Quadro de António Ramalho)

abatido animal possa escapar-se; a complicada rede de cordagens desembrulha-se, escorrega, afroixa e desliza mansamente; e o pôtro pôde, enfim, cego e aturdido, erguer-se mal conseguindo firmar os pés naquele terreno falso e mole, adrede escolhido, e com as duas mãos, à cautela, tomadas ainda por uma última laçada. E quando o peão destinado a montá-lo intervém, num pulo salta para a sela, a derradeira prisão desata-se, e ele aí larga a montada na sua frente a correr e a coucear desapoderadamente, colado e cingido com ela como um centauro, tendido o busto em flecha, os olhos em fogo, e incansável e duro o braço fazendo rodopiar o «rebenque» em círculos de ameaça. Flanqueiam-no, a enquadrar a corrida, dois outros cavaleiros brandindo também chicotes. E os três aventuream-se nessa desenfreada carreira buzinando uma gritaria doida, descompostos em pragas, urros, vociferações, soltando uivos de bestas-feras, que põem o pêlo em pé aos atônitos pol-dros da manada e que a rôta chusma dos assistentes acompanha, delirando, num concertante infernal, num alto côro selvagem. Corridas assim umas centenas de metros, o estupefacto cavalo estava cansado. Tolhido de assombro e de pavor, a pequenava, submetia-se e estacava a intervalos, colhido todo numia atitude de abandono e doçura que timidamente exteriorizava a sua veemente solicitação de, enfim, parar... Irazido então ao ponto de partida e renovada a brutal carreira, já êle pronta e resignadamente obedece, abdicada da vontade e está tendido à discrição do algoz.

Entretanto o Silveira, que seguirá êste bárbaro entremez com empolgador interesse, movia-se nervosamente e dava rebarbativas mostras de impaciência, de desagrado, quase de indignação, as quais pela estranheza alarmaram a atenção de Jorge. Aquêle, porém, rasgadamente explicou-lhe, — que achava excessivo, desnecessário, estúpido! Animais nobres e inteligentes como aqueles não se tratavam assim. Não podia ver semelhante coisa! — E enquanto o amiigo, com um risinho azêdo, procurava aplacá-lo, foi o segundo pôtro trazido ao castigo. Este porém, altaneiro e vibrátil,

*Eça de Queiroz no ha quedado sin su cesión. Cuenta con herederos insignes en Portugal y entre los primeros de los primeros figura Abel Botelho...*

*Mientras haya escritores del empuje y brio del autor de Amañaha podrá decirse que Portugal tiene una literatura tan intensa como la de la Europa civilizada y radical. En Abel Botelho se descubre un alma de rebelde que habida cuenta de las circunstancias y de las razas y de las instituciones representa ahí un papel analogo al de Gorki en Rusia ó Blasco Ibañez en España.*

*Yo me descubro con toda veneración y cariño ante Abel Botelho, yo lo diputo por una de las grandes ilustraciones de la literatura de la península, yo amo en él su espíritu de piedad para los humildes, su ideal de reivindicación política y social. Es un revolucionario y un artista y por artista y por revolucionario su obra será duradera y fecunda.*

Luis Morote

cício, e que, ajoelhando e abatendo-se contra o indefeso quadrúpede, encapuzam-lhe a cabeça, passam-lhe o bridão e aplicam-lhe num momento a sela «(el recado)» cilhada déstramente. Já não há receio agora de que o



safu mais rebelde: só ao cabo de quatro corridas se deu por vencido. Veiu depois o terceiro, que teve que ser logo retirado da arena, porque, abatido sobre o lódo desastradamente, rompeu um quadril. O Silveira não teve mais mão em si. Avançou com decisão e reclamou alto que lhe permitissem domar êle o pôtro a seguir. —Havia uma outra maneira de fazer aquilo, mais suave, mais racional, mais humana. Jam vêr!—De roda foi um espanto. Pela grossa corda do populacho passou uma

lia e Maria Mercedes taparam o rosto com os leques, aflitivamente. Apenas Jorge, por um simpatismo viril, apoiou a atrevida solicitação do amigo.

E foi o bastante. —O quarto paciente veio então, e, em meio da ansiedade geral, os peões da manobra permaneciam quietos e a distância, esperando instruções, de olhos fitos no Silveira, o qual lhes ordenou que, mantendo por enquanto o prisioneiro enlaçado, apenas, mais, lhe prendessem as mãos. A seguir, êle mesmo se



Abel Botelho  
Caricatura inédita de Francisco Valença (1937)

oscilação de pasmo e de surpresa; havia burdas interrogações em suspenso, esboçavam-se atitudes de achincalho, de desdém, de irritante desafio, de malícia perversa, e a sua bronca expressão abria-se em risinhos alvarmente incrédulos. Belisário pôs-se de salto em pé. Pai Saavedra protestava, em repetidos gestos de negação, agitando com veemência os braços. Da apartada altura do seu reduto, D. Teresa impava ofegante, Cê-

acercou e investiu, entre duro e afável, com o animal, que todo rufando de temor, assombrado e arisco, reagia a patadas. Agil e precavido, porém, o Silveira furtava-se a tempo e logo voltava, numa polarização empolgante de todo o seu ser, a defrontar-se com êsse trecho vivo de natureza em bruto; olhava-o firme, rodeava-o e cingia-o, dêstro, incansável, ameaçando, bradando, rojando-se, saltitando; envolvia-o num mágico cfr-





Abel Botelho no seu gabinete de trabalho em 1907. Todas as preciosidades que o compõem foram ha pouco vendidas em leilão, rendendo uma dezena de contos.

(«Clichés» de J. Barcia)

culo de dominadora astúcia, ora atraindo-o por interjeições familiares, ora de escape afagando-lhe o pescoço, ora tocando-lhe a garupa com o chicote levemente. Feito assim um pouco o conhecimento com a sua indômita montada, foi êle ainda quem lhe vendou os olhos, o enfreou e lhe atirou pronto a sela para sôbre os rins, afivelada num relance. Novos afagos agora, mais permitidos, mais claros, mais seguros; em seguida faz sinal à peonada que solte as prisões; e num intrépido salto ei-lo arçonado sólidamente contra o espavorido dôrso do animal em fúria. Há então uns breves, absorventes minutos de ansiedade e de luta: é a consumada maestria, a serenidade, a destreza, a forte musculatura e a vontade indomável do cavaleiro, em decisivo duelo com o desordenado furor do ginete, que, sob a pressão exasperante daquela formidável tenalha de aço, se dispersa em esforços inúteis encabrita-se, escouceia, escarva, atira upas, sacode a espinha, curveteia, bufa, geme e tressua, inelutavelmente. Depois, quando o Silveira teve o seu domínio equestre por assegurado, despediu também o pôto a galope, mas não cega e irracionalmente, como os dois anteriores, antes forçando-o a seguir, no mesmo andamento sempre, em dadas direcções, manejando-o e dominando-o a seu bel-prazer, obrigando-o até ao cansaço... e assim conseguindo por fim trazê-lo a fazer o vitorioso circuito do terreiro, ante a estarecida imobilidade da assistência. Então, tranquilamente, apeou-se e abandonou as rédeas ao cavalo, que, sem o mínimo assômo já de emancipação ou de revolta, pelo contrário, deu em seguir espontaneamente na esteira do seu hábil domador, manso e humilde como um podengo, os flancos molhados, estirado e murcho o pescoço e o focinho arquejante a acariciar-lhe a espalda, que ia deixando mosqueada de baba sanguinolenta.

A toda a volta estrondeou uma tropeçada de aplausos delirantes, que o Silveira, altaneiro e frio, — e enquan-

to, tirado o «chambergo», enxugava o suor, — agradeceu escassamente. Correu a abraçá-lo com admirativa efusão o reduzido grupo dos amigos. E, como lidimo arauto da multidão, um veterano «gaúcho» se adiantou gravemente, batendo os esporões farfalhantes, de rose-tas como sóis, e depois duma rotunda saudação estendeu-lhe com solenidade aos pés o «poncho», por esta rústica homenagem fiel intérprete da consagração indígena ao seu triunfo.

Neste fremente e alto côro apoteótico Maria Mercedes sómente fez excepção. Quando, na quente raçaga ainda das ultimas ovações, o Silveira demandava com ingénuo alvoroço o seu aplauso, ella acolheu-o com reserva e festejou-o parcamente; e insensível a tanto prestígio num deliberado propósito de afastamento, de frialdade, de indiferença, todo o resto da tarde, depois, e ainda ao jantar, e pela noite adiante, foi para o bur-lado vencedor, de poucas horas antes, d'um cerimonioso alheamento e duma secatura implacável, mantendo-o a inexorável distância... Ao passo que, como uma «coquetuela» vulgar, se desentranhava em atenções, galarteios, donaires, mímicas de sedução e adoráveis preferencias para com o atônito Belisário, que, exultante e feliz, na inverosímil radiação do seu espanto, tinha a prêga lívida das pálpebras aquecida por um riso devanecido e amiúde passava ufano pela calva precoce en-dos dedos trémulos.



# Bombas, Incendios, e Bombeiros

A  
*Inauguração do Quartel  
do Largo do Regedor.  
O incendio do Milton,*

*Como tratar das bombas não é officio leve—Dois quadros  
celebres—Os heroes do dever—O que resta de um navio.*

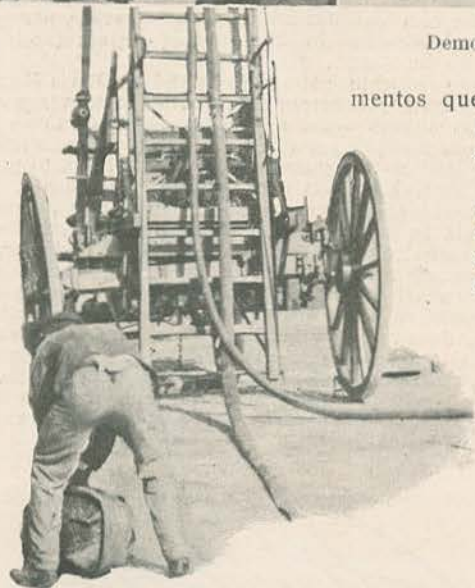
**D**IZEM que tratar de bombas é officio leve. Não acreditamos. Que o diga o sr. Paiva e Pona a quem bombas, bombeiros, fazem andar n'uma fona e que o digam os que a estes assuntos querem com verdadeiro entusiasmo. Pelo contrario. E' um assunto importante e serio, que só merece que se lhe consagrem atividades e atenções. O Fogo e a Agua! Dois dos grandes ele-



Demollndo o antigo barracão.—Interior—Fachada do novo quartel.

mentos que são afinal o cão e o gato do mundo dos elementos. E como seja curioso vamos resenhar o que houve no assunto de interessante.

Como acontecimento famoso da semana temos a demolição do barracão que no largo do Regedor, atraz do teatro de D. Maria, servia provisoriamente de quartel de bombeiros. Mas, provisoriamente, o barracão esteve de pé anos e já gregos e troianos tinham perdido a esperança de ver o definitivo quando a 5 de Outubro em horas ele foi demolido e o quartel se instalou no seu edificio proprio, e valha a verdade, central e bem adequado. Que Lisboa é uma cidade em que uma das cousas boas é o serviço de incendios. Mas bom apenas no que respeita á heroicidade e boa vontade do pessoal, devotado e valoroso, trabalhador e esforçado. Não se lhe devem regatear elogios e veja-se como a quando do grande incendio no Terreiro do Paço o corpo, em grève, compareceu e trabalhou como o não estivesse, atitude digna



(«Clchés» Serra Ribeiro).





ração que acaba de ser demolido. Felizmente os serviços que n'ele estavam estão agora instalados magnificamente, sendo para notar como a pericia do arquiteto fez maravilhas da escassez de sitio e como tudo ficou bem disposto.

Busson e Detaille immortalizaram os bombeiros. Busson n'um quadro movimentado como uma fita cinematografica. Detaille n'um quadro comovido como uma scena de tragedia heroica. Telas impressionantes, vividas, elas são bem a apoteose d'esses homens que tem o dever por lema e sacrificam a vida para resgatar a do seu proximo.

Outro assunto palpitante foi o incendio do *Milton*. O *Milton*, vapor americano de 3000 toneladas, viera de New-York com dois milhões e meio de quilos de carvão de pedra. Construido de cimento, tendo já começado a descarga, uma fusão de fios na casa da maquina encheu-o de labaredas, tornando-o

«Ao Fogo». Quadro de Busson

e que só lhe acarretou simpatias.

No que respeita a material é não só pouco mas velho fazendo os bombeiros prodigios com o que ha. Tem poucos autos de pronto socorro, não possui holofotes, não tem Magyrus automoveis, não ha ainda nas ruas avisadores telefonicos ou automaticos de sinistro. Depois com verba escassa, mangueiras rôtas. Mas como a vontade é tudo a gente assiste a milagres e sabe que onde houver perigo lá estão estes heroes, arriscando a vida e cumprindo o seu humanitario dever. E o nosso Corpo de Bombeiros é dos que mais louvores merece, tão valiosos tem sido os serviços que á cidade tem prestado.

Era vergonhoso o bar-



«As vitimas do dever». Quadro de Detaille





«O Milton»  
afundado. O  
que d'ele se vê,  
fóra da agua,  
na maré baixa.



«Clichés de F.  
Serra Ribeiro»

em horas um imenso brazeiro, que esteve ardendo, ante milhares de espetadores, desde as 20 horas do dia 5 até ás 8 do dia 6. Foi um espectáculo espantoso, magnifico, imponente, o ver como a pouco e pouco da meia nau para os porões, e da ré para a prôa, todo aquele inferno de chamas envolvia o barco, silhuetao em fogo e fumo, recortando-lhe mastros e paus de carga, torcendo-lhe os ferros, crepitando a madeira, a chaminé esbrazeada, até que a canhoneira *Mandovy* o meteu no fundo com um tiro mais certo depois de lhe ter disparado 49 e de uma traineira do Arsenal o ter alvejado com 139 da sua peça. E' que temiam todos que caldeada a amarra o barco fosse cheio de fogo, rio abaixo, brazeira imensa, pegar fogo a todos os navios que encontrasse. Ao 189.º tiro a agua penetrou impetuosa o barco empinou-se e submergiu, fervendo aguas e espumas n'um cachão violento á sua volta. E quando horas passaram só ficou a ponta dos dois mastros fóra das aguas. Quando a maré baixa, porque o fundo

seja pouco, vê-se ainda como restos do imenso desastre, ferros torcidos e madeira carbonisada. Mas agora é fogo extinto, sucata que as aguas corroendo vão para sempre...

Lisboa tem sido uma cidade de frequentes e terríveis incendios e ainda ultimamente o do Terreiro do Paço, do Limoeiro e o do Parque Automovel Militar, o do Arsenal e o do Deposito Central de Fardamentos vieram pôr em relevo os extraordinarios serviços que o Corpo de Bombeiros ao publico presta. Em qualquer ocasião de perigo lá estão os modestos heroes, protegendo vidas e fazendas, incansaveis sempre e sempre cheios de infatigavel prestimo. Tem a corporação velhos servidores de que publicar a lista de serviços seria a mais cabal amostra do muito de elogios que a corporação merece pelo muito que tem feito e se lhe deve.





*Malhõa, o grande mestre da pintura portuguesa, dá-nos hoje um precioso inédito do seu lápis. É um estudo para o quadro Vou ser mãe em que Malhõa trabalha atualmente.*



# Poetas

## Confissão O Teu Nome

por Mario Galgueiro



**O**LHASTE. Olhei. O nosso amor nasceu.  
E desde então o sol anda comigo.  
Ai, meu divino amor, como eu bendigo  
a hora em que esse olhar me apareceu!

Quiz confessar-te. . . Que diria eu  
que não soubesses, coração amigo,  
piedoso e claro e sacrosanto abrigo  
onde a minha ventura se escondeu?

O amor não fala, não diz nada. Ri.  
Que o riso diga o meu amor por ti  
e o teu confesse o amor que tu me dás.

Tambem quem sofre ás vezes ri. Que importa?  
Nascem rosas sem fim á minha porta  
na primavera que o teu riso traz.



**B**OCA de mel te chamam. Lindo nome  
em verdade, meu bem, te foram pôr!  
Assim deve chamar a abelha á flôr  
em cujo seio vai matar a fome.

Boca de mel! . . . E a magua me consome  
por não saber (talvez seja melhor. . .)  
em que se baseou, meu lindo amor,  
quem primeiro te deu tão lindo nome.

E' facil de supôr. No entanto, eu quero  
— vê tu, meu doce bem, se sou sincero —  
não me deitar assim a adivinhar.

E bastaria agora ao meu desgosto,  
para saber se o nome foi bem posto,  
que me deixasses experimentar. . .





«Uma tarde, sentados na orela verdejante do córrego...» Ilustração de «A Serela» de Camillo Castelo Branco.

## FIGURAS DE ROMANCE INTERPRETRADAS POR *Artistas Portuguezes*

**A**s figuras de romance. Qual de vós não sentiu interesse, paixão, amor ou piedade pelas figuras que o talento e a comoção dos autores criaram e fazem passar ante a nossa sensibilidade e os nossos olhos pelas paginas amadas das grandes obras primas!? Qual de vós não disse muita vez escondendo envergonhado a lagrima que das palpebras desce: «Isto, se calhar, não existiu,» para desculpar o tér chorado? E assim, um mundo de figuras irreaes vive connosco, é nosso conhecido, tem parte do nosso coração. São as heroínas de folhetim, são as heroínas de romance, são as figuras do teatro, mundo de sombras que sente, que sofre e que vem até nós para que, com ele a gente partilhe a alegria e a magua.

Qual de vós não conhece a amorosa Tereza do «Amor da Perdição»? Qual de vós, leitores e leitoras de romance não tem gravada na mente e na alma a primeira carta d'esse amor infeliz? «Meu pae diz que me vae encerrar n'um convento, por tua causa. Sofrerei tudo por amor de ti. Não me esqueças tu, e achar-me-has no convento, ou no céo, sempre tua do coração, e sempre leal. Parte para Coimbra. Lá irão dar as minhas cartas; e na primeira te direi em que nome has de responder á tua pobre Tereza».

E quem não amou um pouco a doce Mariana, a filha triste do ferrador João da Cruz?

A galeria das nossas figuras de romance é vastissima. Camillo, o grande mestre, só por si a enche. Mas ponham-se ainda as a quem Julio Diniz insufflou vida, ponham



as de Eça, ponham uma ou outra de Fialho d'Almeida como essa poética figura da «Madona do Campo Santo», como a da «Ruiva», ponham as de Teixeira de Queiroz, ponham as figuras cruas e realistas de Abel Botelho, ponham a galeria austera de Herculano, evoquem-se as de Antero de Figueiredo, as de João Grave e digam-nos se não é uma população, um vasto mundo que se agita, que freme, que palpita, gargalha e sofre, na vasta imensidade do papel escrito!

E os romancinhos de Manuel Pinheiro Chagas? E algumas figuras tão deliciosamente tocadas de Alberto Pimentel? Quantas figuras, quantos romances, quantos romancistas!

Só o Garret quantas nos não dá! Pois ha alguém que saiba o portuguez que não tenha sentido o seu coração bater um pouco mais quando chega á pagina em que a Joanhinha dos olhos verdes pela primeira vez aparece? Mas se entre nós as figuras são muitas as illustrações são poucas. O lapis dos artistas não se tem demorado a evocar esses doces vultos que a fantasia, a imaginação e o talento dos mestres creou. Em França sim. Em França, o talento do escritor encontra sempre o talento ou o genio do illustrador que o completa. Gustavo Doré, por exemplo, não foi um illustrador de genio? Rochegrosse não deu vida a algumas paginas de Flaubert com as suas artisticas e originaes interpretações? E quantos pintores celebres não tem illustrado o que a pena dos artistas creou, o que a

fantasia de cerebros e corações sonhou e tornou real? Todo o livro francez que se preze é illustrado. Ao conjunto de perfeições sonhadas pelo escritor junta-se o que o illustrador cria. E assim a doce Mimi da «Bohemia», ou a «Sapho», a que Daudet deu vida, a Gervasia da «Taberna» de Zola, ou a «Irmã

Philomena» de Goncourt tiveram quem as corporisasse, quem lhes desse feições, traços, quem evocasse do que o escritor disse a figura materialisada. Isso, essa exigencia do publico criou um mundo de illustradores, de artistas peritos que dia a dia consagram á sua tarefa carinhos e cuidados que por vezes

os levam á gloria. Não é só nas edições de luxo que os seus desenhos aparecem. As edições populares de 1,25 franco trazem scenas e figuras, pequeninas obras de arte que inteiramente agradam á vista e ao coração.

Entre nós ainda não existe o illustrador profissional. Ha é certo, artistas que se tem consagrado a illustrar um ou outro volume. Mas é certo tambem que o fazem apenas ocasionalmente ou porque o publico não exija ainda dos editores o livro illustrado, ou porque estes julguem que não valha a pena dar-lh'o.

No entanto, tem lindas illustrações de artistas portuguezes em romances portuguezes e artistas como Lupi não se dedignaram de transportar para a tela a criação dos escritores. Lupi escolheu para um dos seus quadros o transe apavorante do «Frei Luiz de Souza». E da sua paleta e do seu talento transportou para a realidade da pintura oromeiro e D. Magdalena de Vilhena.

— «Romeiro! Romeiro quem és tu?

— Ninguem!»

E a figura doromeiro ergue-se severa e enorme emquanto D. Magdalena enlivedesce e recua amarfanhada.

Um dos romances que o talento dos nossos artistas com maior carinho interpretou foi «A Sereia» de Camilo Castelo Branco. Manuel de Macedo e Roque Gameiro compuzeram quarenta aguarelas que são quarenta obras primas. N'elas o seculo XVIII, na vida de sociedade e na vida monacal, na vida rustica e na vida citadina está tratado com uma fi-



A figura do conhecido romance de Dumas filho interpretada pelo artistico lapis de Santos Silva («Alonso»).





A Tereza do Amor de Perdição após a partida para o degredo do seu amado. (De José de Almeida e Silva).



Mariana assistindo aos últimos momentos de Simão. (De Costa Lima) Amor de Perdição.



Romeiro quem és tu? Ninguém! (do Frei Luiz de Sousa). M. Lupi.



Clara e Margarida, Das Pupilas do sr. Rector. (Roque Gameiro).

A Tereza do Amor de Perdição e Mariana são das figuras do romance português a quem o publico mais quer, pois que o romance de Camilo se esgota e no teatro o arranjo de D. João da Camara é sempre visto com agrado.

O Frei Luiz de Sousa passa por ser a melhor obra de Garrett. De Julio Diniz se pode dizer que quem não conhece as Pupilas do Senhor Rector não conhece uma das grandes obras primas do romance português.





A SEVERA

Interpretação de Santos Silva (Alonso)

As «Pupilas do Senhor Reitor», de Julio Diniz, também na sua edição de luxo tem preciosos trabalhos de Gameiro.

O «Amor de Perdição» na sua edição monumental insere ilustrações onde figuram as que reproduzimos hoje e até um desenho maravilhoso de Sousa Pinto, o grande artista portuguez, mestre querido e consagrado. Tres artistas, n'essa edição, interpretaram as paginas magoadas do romantico de Seide, formidavel domador do riso e das lagrimas. Souza Pinto, Caetano Moreira da Costa Lima e José de Almeida e Silva.

delidade que assombra. A indumentaria é de uma riqueza extraordinaria. Tudo ali é um poema de arte, perfeito estudo magistral.

Tambem a «Queda de um anjo», de Camilo, foi ilustrada por Condeixa, Heitor e Lallemand e «A Doida do Caudal» por Casanova, fazendo parte da mesma coleção «O Retrato de Ricardina».

Santos Silva («Alons») depois de ter evocado a «Severa» e a sua vida de alfurja e bairro de miseria, deu-nos o perfil delicioso, hieratico e triste da pobre Margarida Gauthier, a heroína do romance de Dumas, filho, «A Dama das Camélias».

As figuras de Garrett, «o doce Garrett amado das mulheres», teve em Macedo e Gameiro o seu interprete ideal. Ele é a Bruxa de Gaia do «Arco de Sant'Ana», é a Aninhas; é a Izabel e Maria de «Helena»; é a menina dos rouxinoes, a Joanninha dos olhos verdes das «Viagens da minha terra», é tambem a Georgina, são dezenas de interessantes, de curiosas figuras.

Bemditos pois não só o genio que lhes deu vida, mas tambem a carinhosa mão de artista que os soube reviver para o doce calor do nosso coração e dos nossos olhos.

E quanta, quanta vez para fugir das cotoveladas da realidade a gente não busca refugio n'esse mundo encantado e não vive, vibra e sente junto das figuras que n'ele vivem. Pois não dizia o poeta que o sonho é a unica realidade?

M. C. RAMOS.

## O FOGO DE ARTIFICIO NO TEJO NA NOITE DE 6 DE OUTUBRO



Representa a nossa gravura um curioso aspecto do fogo de artifício queimado no Tejo na noite de 6 do corrente.

(«Clilhê» do sr. Henri Reynaud, de Lisboa).

Um dos numeros mais interessantes dos festejos comemorativos do 9.º aniversario da Republica foi sem duvida, o fogo de artifício que na opinião dos entendidos foi dos melhores que se tem deitado. Foi deitado do Castelo e do Tejo, assistindo a ele imensa gente que se apinhava em todos os pontos d'onde ele se avistava. «Bouquets» de cabeleiras amarelas, chuva d'ouro, estrelas, bichas luminosas, ramos multicores, foguetes de bombas e scintillas tudo encheu a noite de cor, de deslumbramentos. Foram rubis, topazios e esmeraldas fatuos que apenas um momento viveram para entrar logo no reino das sombras. Durou o maravilhoso espectáculo das 22 ás 24 e dez minutos e o fogo exhibido foi dos pirotecnicos Augusto de Sousa, Leandro Cid e Francisco Fernandes de Oliveira. O Tejo apresentava um aspecto surpreendente. Depois, noite alta já, as ruas encheram-se da multidão que regressava comentando as peças e elogiando o espectáculo, sempre de agrado certo.



# 1910-1919

## 05

### D'OUTUBRO



O sr. Presidente e o ministério assistindo ao desfile das tropas.



O desfile



O sr. Presidente do Conselho discursando por ocasião da colocação da primeira pedra nas obras dos bairros sociaes. — O sr. Presidente da republica, o do ministério e ministério. — Nos bairros sociaes. Batendo a primeira pedra. — («Clichés» de Serra Ribeiro).





## A CARICATURA NO ESTRANGEIRO



**O GATUNO**  
Agora só me falta pôr os pés no chão  
sem fazer barulho  
(De *Le Pèle-véle*)



**A LUTA PELAS OITO  
HORAS DE TRABALHO**  
Oito horas de trabalho pa-  
ra o operario e zero de  
rendimento para cada um.  
(Do *Blanco y Negro*).

O leitor está a ver as precauções tomadas pelo gatuno. Entrou os pés para não fazer ruido e é suavemente que desce pela corda. Mas o destino fatal colocou-lhe por debaixo um negregado piano e o leitor está a ver quando ele poisar os pés a multidão de dós e de lás, de fás, de sis que se escaparão das malditas teclas. É o azar! A quantos gatunos não estará o destino fazendo iguaes partidas!

A questão eterna entre o trabalho e o capital. Longe de serem socios e amigos, o capital e o trabalho odeiam-se. O resultado ou é quebrar-se o 8, o que dá dois zeros como mostra o «Blanco y Negro», ou é cortar-se a corda e cairem os dois de cangalhas como faz prever o «Passing Show».

O «Rire» vem tragico com «Os cegos». Enquanto o imensa espectre do perigo paira os deputados pensam apenas na sua reeleição. Pobres cegos que mais cegos são porque não querem ver é o comentario obrigado.

E assim, a rir, se trata com talento de coisas absolutamente serias.



**GALANTERIA**  
Baroneza, a V. Ex.<sup>a</sup> ficar-lhe-ia muito  
melhor o bigode à americana.  
(De *La Baïonnette*).



**O TRABALHO:**  
Ainda nos poderiamos  
aguentar muito tempo,  
mas estou tentado a cortar  
a corda.  
(De *The Passing Show*).



Senhores, uma questão domina todas  
as outras: a nossa reeleição,  
(De *Le Rire*.)

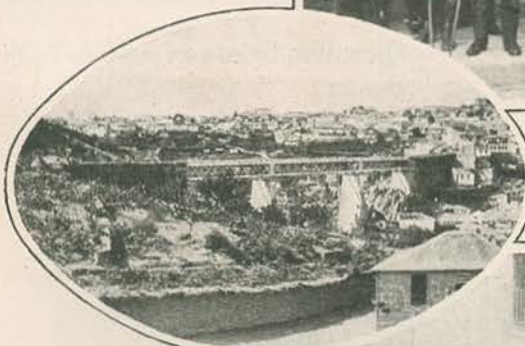


## A viagem ao Norte do Sr. Ministro da Guerra

O sr. Ministro da Guerra tendo à sua direita o sr. Governador Civil de Vila Real e à esquerda o general comandante da 7.ª divisão do exercito.



Chegada do sr. Ministro da guerra aos Paços do concelho de Chaves.



Vila Real de Traz-os-Montes e ponte sobre o rio Gorgo. (Clichés da secção fotografica e cinematografica do exercito).



A população de Vila Real faz entrega da bandeira. No primeiro plano o sr. general Simas Machado agradece a gentil e patriótica oferta. — O general Simas Machado abraçando um herói.



Vila Real de Traz-os-Montes oferece uma bandeira ao regimento de infantaria 13 que se bateu no «Front»



Grupo de senhoras e officaes que em nome de Vila Real ofereceram a bandeira. D. Maria Zoelbo, D. Filomena Ribeiro, D. Rita Esteves, D. Julia Fernandes, D. Carolina Lameirão, D. Isaura Ribeiro, D. Carmen de Sousa, capitães Antonio Manoel da Mota e Costa, Alfredo Ferreira Esteves e alferes Bartolomeu Varela.

Grupo de officaes de Vila Real, entre os quaes se encontram os bravos comandantes do heroico batalhão de infantaria 13, que se bateu em França, o capitão Bento Esteves Roma e tenente-coronel Gustavo de Auda e Pissarra. — (Clichés do sr. Miguel Monteiro).



# ATUALIDADES



## O julgamento no Tribunal da Boa Hora dos jovens sindicalistas

A guarda do tribunal.

Aguardando o julgamento.



## O concurso hipico no Parque do Estoril

O primeiro julgamento dos jovens sindicalistas foi fértil em episodios arruaceiros, tendo as autoridades tomado energicas providencias para que esses casos no segundo não se repetissem. As nossas gravuras mostram o aspéto marcial dos claustros da Boa Hora por ocasião do segundo julgamento que decorreu sem incidentes.

O concurso hipico tem sempre farta concorrência, abundando, a sociedade elegante. As gravuras que publicamos



Aspéto da assistencia elegante.



O lançamento ao mar em S. Martinho do Porto do vapor "Apolo"



Uma prova.



Na carreira.

inumeros convidados que d'ela trouxeram as melhores recordações.

dão alguns dos mais flagrantes aspéto da concorrência, onde havia lindas caras e elegantissimas *toilettes*, como era de esperar em elegante festa sportiva que era.



Aguardando a chegada.



O banquete.



O desembarque do sr. Presidente da Republica



1841

1919

AGENCIA INTERNACIONAL

DE

INFORMES COMERCIAES

**R. G. DUN & Co.**

*Fundada em New-York em 1841*

245 SUCURSAES NAS CINCO PARTES DO MUNDO

**78 anos de existencia**

Unica agencia de Informes Comerciaes que possui  
**DEZ SUCURSAES** proprias na Peninsula:

- BARCELONA.* — *Calle de Bilbao, 198*
- BILBAO* . . . . . — *Calle de la Estación, 5*
- LISBOA.* . . . . . — *Rua do Comercio, 103*
- MADRID* . . . . . — *Calle Nicolas Maria Rivero, 8-10*
- MÁLAGA* . . . . . — *Alameda de Wilson, 19*
- MURCIA.* . . . . . — *Plaza de Cetina, 2*
- PORTO.* . . . . . — *Rua do Almada, 10*
- SEVILLA* . . . . . — *Calle Cánovas del Castillo, 14*
- VALENCIA.* . . . . . — *Calle de Sorni, 2*
- VALLADOLID* — *Calle de la Constitución, 7*

Central para PORTUGAL: **103, Rua do Comercio-LISBOA**  
Sucursal: **10, Rua do Almada-PORTO**

**M. FONT**

Director geral para a Europa Occidental



**A. MASCARÓ**

Director para Portugal e Colonias

1919

1841



# A VITULOSE

(Invenção e preparação do pharmaceutico pela Escola Medica, Augusto Peres de Figueiredo e registada em numerosos paizes).

## Traz a grande e immediata abundancia de leite

## Nutre e fortifica poderosamente o organismo

### E EM QUASI TODOS OS CASOS APENAS COM UM OU DOIS FRASCOS!

## Fixae bem este preparado e lêde com atenção o que dizem os medicos e o que dizem os paes

### Duas palavras

Contra factos não existem argumentos. Da imensa correspondencia recebida ácerca dos efeitos do insubstituível preparado VITULOSE para fortalecer e robustecer o organismo das mães e para que ellas tenham uma grande abundancia de leite, de fórma a crear os filhos fortes e robustos e sem o auxilio tão prejudicial de biberons ou de amas mercenarias, vamos dar a palavra a medicos dos mais illustres e considerados e que a este produto fazem a mais conscienciosa e insuspeita apologia, como a teem feito tantos outros que já citámos e iremos citando. Para as suas opiniões chamamos a atenção de todos os clínicos, do publico em geral, e nomeadamente das parteiras, distinta classe que honestamente tem concorrido largamente com a sua desinteressada propaganda, junto das parturientes, para o enorme e extraordinario consumo da VITULOSE.

Do que dizem os pais dos entes que se teem creado fortes e sadios graças á VITULOSE, limitamo-nos por hoje a duas communicações, pelo enorme dispendio que trazem estas grandes publicações.

O publico saberá apreciar e avaliar da utilidade d'este preparado, incontestavelmente superior a tudo que tem apparecido, quer nacional quer estrangeiro.

A VITULOSE, além de dar em poucos dias o leite preciso para que as mães criem os filhos sem auxilio de ama ou biberons, sempre nocivos, tem ainda a grande vantagem de lhes dar uma boa disposição, abrir-lhes immediatamente o appetite e robustecel-as extraordinariamente, como se vai demonstrar por quem sem sombra de suspeita e com a maxima autoridade o poder fazer.

### Fala a ciencia

«... Devo dizer a v. que a minha mulher, nos dois partos anteriores nunca teve leite, tendo eu sempre de recorrer á ama. Sucedeu porém, que após uns quatro dias de uso da VITULOSE, minha mulher tinha leite mais do que sufficiente para alimentação do meu filho. Termino louvando o bello preparado intitulado VITULOSE. Pode v. fazer d'esta carta o uso que qui-

zer e conte v. que recomendaréi sempre a todas as mulheres com hypogalactia ou agalactia o uso da VITULOSE».

(a) José Fernandes,

Medico no Pombalinho (Santarem).

«Experimental o seu específico VITULOSE numa pobre rapariga linfatica, mãe de tres filhos, que me confessou nunca ter podido amamentar as crianças por falta absoluta de leite. Resultado maravilhoso, pois ella declarou-me depois que, embora o leite não fosse ainda abundante, tinha o sufficiente para não recorrer ao biberão. Felicitoo, portanto, pela sua scientifica combinação galactogenica a que deu o nome de VITULOSE, que, com franqueza, deu um resultado que eu nunca esperava».

(a) Madureira Guedes,

Medico municipal do 3.º circulo sanitario de Gaia.

«Cumpro gostosamente o dever de comunicar-lhe que em dois casos em que tive occasião de indicar a sua VITULOSE verifiquei a eficacia do seu emprego manifestada pelo aumento de produção do leite no fim de uso de um unico frasco. Continuarei a prescrever a VITULOSE com a inteira confiança de que sempre corresponderá ao fim a que é destinada. Pode v. fazer d'esta minha declaração o uso que julgar mais conveniente, a fim de vulgarisar tão prestante preparado».

(a) Manuel Marques de Lemos,

Medico em Albergaria.

«Em resposta ao cartão de v. tenho a honra de comunicar-lhe que obtive o melhor resultado com o seu excelente remedio denominado VITULOSE, o qual considero verdadeiramente tonico-reconstituinte, produzindo rapidamente a secreção lactea desaparecida».

Cumprindo satisfatoriamente o dever da minha participação, assim como de recetar sempre que se me proporçione a occasião, tão maravilhoso preparado».

(a) Luiz Augusto d'Ornelas,

Medico no Funchal.

«... Só hoje é que venho dar-lhe parte dos resultados excelentes que obtive com a prescrição do seu magnifico galactogeno denominado VITULOSE. Quiz-me certificar em mais de um caso. E por estar n'esta minha terra natal a fazer a scura pelas

vuas» del alguns frascos a duas mulheres que amamentavam seus filhos. Indagando com pormenor dos efeitos produzidos, verifiquei que a secreção lactea aumentava e logo ao segundo dia de uso da VITULOSE, liquido que com prazer tomavam. Se bem que dois casos não chegaram, são o sufficiente para que v. possa ufanar-se de tão excelente combinação medicamentosa».

De v.

(a) Dr. Amílcar de Sousa,

Medico especialista de doencas de nutrição no Porto.

«Agradecido pela sua VITULOSE, que é um medicamento digno do maior apreço. No caso em que eu o empreguei, tornou-se muito sensivel o aumento do leite, ao qual imprimiu qualidades altamente nutritivas, que se traduziram no desenvolvimento da creança sem deixar, porém, de tonificar o organismo da mãe».

De v.

Al redo Guedes Cardoso da Mota

Medico Municipal de Santarem (Alcanede)

«Empreguei a VITULOSE n'uma mulher de nome Olivia, do logar de Genide, Gaia. Muito fraca e debilitada, uma candidata mesmo á tuberculose, tinha muito pouco leite. Com o uso da VITULOSE, a quantidade de leite aumentou bastante e, o que é muito interessante, a mulher reforçou e sentiu-se melhor. Escusado será dizer que a creança aproveitou ainda mais. É um magnifico lactogeno».

(a) Sousa Aoides

Medico no Porto—Praça da Batalha, 83.

«... Esperei para fazer a experiencia da VITULOSE n'uma senhora que, tendo tido tres filhos, amamentou o primeiro até á idade de seis mezes, o segundo até tres mezes e o terceiro até um mez. No quarto esteve até ao quarto dia sem sinais de leite, mas começando a usar o preparado que me enviou, não só o leite lhe appareceu (que ainda hoje conserva, passados dois mezes e tal) mas tambem, s'ndo uma fraca, o seu estado geral é magnifico».

P. de v. fazer o uso que quizer d'esta carta.

(a) Aurelio Augusto de Queiroz,

Medico municipal—Necessidades—Barcelos.





Redação, Administração e Oficinas—Rus do Seculo, 45—Lisboa

## O RECEM-NASCIDO



— Coitadinho! Precisa d'um tratamento muito cuidado, parra se não resentir das taras paternas!





PALESTRA AMENA

Equivocos

Certo escritor com um pouco mais de talento do que nós, não ha muito falecido, afamado pelos seus estudos criticos, notou n'um dos seus artigos mais felizes, que um dos males que affligiam a sociedade portugueza... era o equivoco. Affligiam e continuam a affligir, conforme se pode observar todos os dias, já pelo exame dirêto, já pelo noticiario dos jornais; leia-se, por exemplo, este telegrama do Porto, inserto no Seculo, em data de 7 :

«O preso politico Manoel Martins de Castro, da travessa de Nevogilde, que ha dias fôra mandado pôr em liberdade pelo comando da 5.ª divisãõ, foi novamente preso, por ter havido equivoco n'aquela ordem».

E' claro, que se pediram as devidas desculpas á victima, pelo engano, mas ninguem o compensou da desillusãõ, que não deve ter sido pequena.

O escritor a que acima nos referimos terminava o citado artigo contando o facto de ter sido esfaqueado um pobre transeunte a uma esquina do Chiado, quando as tacadas eram destinadas a outrem, o que, no julgamento foi julgado atenuante muito de atender; e, a proposito de julgamentos de criminosos na Boa Hora, citou tambem a defesa d'outro faquista que, como desculpa de ter mandado um parceiro para o outro mundo, alegou que tinha metido na barriga d'este um palmo de ferro, por simples descuido, porque a sua intenção era introduzir-lhe apenas dois dedos do mesmo ferro, o que não lhe produziria a morte.

Não precisamos de citar equivocos recentes, de ordem revolucionaria, porque igualmente outro colega nosso e tambem não inferior á nossa pessoa em intelligencia, o fez com imensa graça; sómente, tais exemplos, postos a descoberto, não tem servido de emenda, ao que se vê, e o equivoco continua a ser cultivado com amor entre nós, sem que ninguem se admire e o condene.

Para consolação geral, acentuaremos, contudo, que não é só em Portugal que êle floresce; temos ainda de memoria um equivoco de vulto acontecido em Espanha e que nos foi narrado pela propria victima, o pobre actor Silva Pereira: costumava este jogar com um decimo da loteria espanhola em numero certo e um belo dia leu nas folhas que o dito numero fôra premiado com *el gordo*. Imagine-se a alegria do pobre artista, as despesas que fez, por conta da dinheirama a receber, etc., — e imagine-se a decepção quando, nas folhas do dia seguinte, leu que houvera... equivoco; o numero premiado não era aquelle!

Ha quem tenha endoidecido com menor motivo,

J. Neutral.

Cinco mil marcos!

Abriu o teatro da opera de Berlim e como os alemães estivessem saudosos de musica, a não ser da de pancadaria, a sala teve uma enchente colossal, acusando a bilheteira uma receita até então nunca vista. Quanto aos autores da peça — saibam-no Ernesto Rodrigues, João Bastos e Felix Bermudes — receberam de direitos, *cinco mil marcos* cada um, quantia que ao



cambio actual deve dar para comprar dois ou tres pares de botas, ou sejam uns dois contos de réis!

E' impossivel descrever a sensação que a noticia produziu nos nossos autores, de letra e de musica; os tres citados estão a estudar alemão a toda a pressa, e dos *maestros* sabemos que o nosso Calderon já poz a funcionar uns cem gramofones para compôr uma opera original, que destina a Berlim, com o *motivo da Rosa exvota o pinto*.

Falta de espaço

A' ultima hora estão os trauliteiros do Eden, do Porto, em risco de só serem julgados para as calendas gregas, porque não ha n'aquela cidade sala com o espaço suficiente para conter



os reus e as testemunhas, tão grande é o numero d'uns e d'outros.

Parece-nos, na verdade, motivo bastante para anular os respectivos processos e mandar aquella pobre gente em paz, mas se de todo em todo a ferocidade-republicana exige o castigo de tão benemeritos cidadãos, transfi-

ram os homens para Lisboa, e aqui, com boa vontade, arranja-se local apropriado ao caso e digno dos cavalheiros. Que nos dizem, por exemplo, ao Campo Pequeno?

Barbeiros, etc.

E' de todo o ponto justo que os srs. officiais de barbeiro, cujo extenuante trabalho era muitissimo mal apreciado, porque não ha nada que pague o asseio, é justo, dizemos, que passem de 80 a 90 escudos por mês, os dos estabelecimentos de 1.ª classe, e de 60 a 70 os dos de 2.ª, conforme acaba de ser estabelecido. Só não estamos de acôrdo em que se lhes não dêem gorgetas, mas adeante.

Um unico argumento encontraram as más línguas para não aplaudir esta medida e esse é que, ao passo que para uma pessoa se formar em direito, em matematica, em medicina, etc. e assim ganhar, na maioria dos casos, menos do que um sr. official de barbeiro, tem de dispender alguns contos, para barbear e cortar o cabelo a um parceiro



necessita apenas de uma aprendizagem curta e nem se torna preciso que saiba ler e escrever.

Pois sim, mas para que tais censuras cessem, aí vai um projecto que tudo conciliará e vem a ser o abrir-se nas nossas universidades um curso barbeiral, que pode abranger 5 annos, por exemplo, com o seguinte programa de ensino:

- 1.ª cadeira — Sabões e sabonetes. Suas applicações cutaneas:
- 2.ª cadeira — Pinceis. Escolha de pêlos mais proprios para pincelar.
- 3.ª cadeira — Diversas especies de navalhas de barbear.
- 4.ª cadeira — Bigodes, moscas, suissas e pêras.
- 5.ª cadeira — Escanhoamentos e gatásios.
- 6.ª cadeira — Côrtes de cabelo.
- 7.ª cadeira — Penteados diversos. Como se penteiam carecas.
- 8.ª cadeira — Pomadas e perfumes.
- 9.ª cadeira — Do pulverizador e outros injectores mecânicos.
- 10.ª cadeira — Frisados.

O diplomado, com o curso completo, receberá a carta de doutor em barba e pêlos correlativos, pelo que não ficará a dever nada aos diplomados por outras faculdades.





## Troca

Dizem de Bruxelas que o governo belga, para obviar á crise das subsistencias, resolveu fazer a troca de carvão por generos alimenticios.

Ora ai está uma coisa que não se pode fazer cá, pelo menos quanto ao pão. Este é-nos fornecido com carvão e tudo.

## Correspondencia

*Aline T. V.* — Se não fosse senhora davamos-lhe uma resposta que nós sabemos. Assim, mandamos-lhe um beijinho.

*T. S. (Famalicão).* — E' a moda em Famalicão, mas não é em Lisboa, o que só depõe a favor da provincia. Se v. ex.<sup>a</sup> aqui apparecesse com semelhantes atavios, era corrida.

## Rei visigodo

Querem os senhores saber quem foi descoberto em Stockolmo, n'uma sepultura do mosteiro de Vreta, na provincia de Ostergotianel, que fica ali em baixo, á mão direita?

Foram os restos do rei Jorge, o qual, segundo resa a historia e os nossos jornais noticiaram, morreu envenenado em principios do seculo XII.

E como se estabeleceu a identidade do rei Jorge, visigodo? Os mesmos jornais o dizem: «O esqueleto está em perfeito estado de conservação, especialmente o craneo e o cabelo», quer dizer, foi pelo cabelo, embora a espiritos superficiais o caso pareça extranho.

Foi assim: o rei Jorge visigodo foi monarca muito dado a aventuras amo-



rosas, o que, por sinal, acarretou grandes desgostos á rainha visigoda, sua consorte.

Ora em tempos toi encontrado no palacio real de Stockolmo um cofresinho com varias cartas apaixonadas escritas pelo dito rei Jorge a uma dama da corte e entre ellas uma madeixa de cabelo, embrulhado n'um papel, com as seguintes palavras: «Oferece-te esta pequenina lembrança. Teu, Jorge.»

Os sabios d'agora compararam o cabelo do craneo encontrado na sepultura do mosteiro de Vreta, na provincia de Ostergotianel, com o da dita madeixa e reconheceram que os cabelos eram eguaesinhos em tudo, cor, dimensões, etc. De ai, a concluirem que os restos eram do mencionado visigodo ia apenas um passo, que transpuzeram sem a menor difficuldade.

Está entendido, não está?

## EM FOCO

## Tereza Taveira



*E' deveras extensa a galeria  
D'atrizes a quem versos tenho feito,  
Em meu fraco entender, de pouco geito,  
Mas, enfim, d'uma certa fantasia.*

*Faltava-me vossencia, a quem devia  
Por diversos motivos este preito;  
Receba-o por sincero e não perfeito,  
De quem não pode dar maior valia.*

*N'uma coisa, porém, se salienta  
Este soneto, especie de cantiga  
Que segunda leitura não sustenta;*

*Faço-o no meio d'uma grande espiga:  
Com febre, muito perto de quarenta,  
Com grippe e pèras, minha bôa amiga!*

BELMIRO.

## Inspiração

Os reclamamos em verso do *Pé de meia*, no S. Lu. z., — por sinal muito bem feitos — excitaram o apetite das emprezas dos outros teatros, e, assim, vão apresentando d'estas coisas:

*Guarda-roupa é do Castelo  
Que no genero é professor  
Não ha decerto mais belo  
Em fantasia, um amor.*

Isto é que se chama inspiração e... pèras.

— Tem alguns pecados no 6.<sup>o</sup> madamento?

— Não tenho, sr. prior.

— Não tem? N'esse caso não a absolvo!

— O' sr. prior! eu julgava...

— Pois julgava muito mal.

«Crescei e multiplicaes-vos» dizem as Escrituras; ora a menina não deve apenas crescer.

— Então?

— Então... realice a obra de que depende o futuro da França e rese tres corôas de contas, por penitencia.

Ponham ali os olhos os nossos estadistas.

## A natalidade em França

Quando ha trovoada, todos se lembram de Santa Barbara, diz um velho rifão, que todos os dias se confirma, como agora em França: o Estado, como cá, divorciou-se da Igreja, e agora lá está apelando para ella, como se vê do seguinte telegrama:

«Paris, 6.—O congresso da natalidade decidiu lançar um apelo a todas as forças do paiz, especialmente ás de ordem moral e religiosa, assim como a todas as classes, a fim de se realizar a obra de que depende o futuro da França».

Essa obra a realizar é a fabricação de cidadãos, e para tal a França livre-pensadora não hesita em apelar para as forças religiosas da nação, isto é, para os padres.

E' claro que não se trata de aproveitar os padres como materia prima, mas como influencia, que o Estado lhes reconhece apezar de tudo.

—Influencia, como?

Como? na confissão, por exemplo.

Suponhamos que uma devota ajoelha aos pés do confessor.

## Bolchevismo

Já não se fala das crueldades da seita russa, do desenvolvimento das suas idéas ou da necessidade que os povos têm de se defenderem de tal: o que actualmente absorve entre nós, todas as atenções, é saber-se se *bolchevismo* se escreve com *x* ou com *ch*.

E', na verdade, uma questão momentosa, mas parece-mos facilima de resolver: trata-se d'um problema, não é verdade? Logo, é *xx*. Diz-se o *xx* do problema e não consta que nunca se tenha dito o *ch*...

## Providencias da Baviera

Leiam este telegrama de Paris:

«Uma noticia de origem alemã diz que a Dieta bavara aprovou um credito de 50 milhões de marcos para o governo adquirir generos alimenticios.»

Que tal, hein? Quando aquilo é a dieta, imagine-se se comessem de tudo!



## Na espectativa de nova gréve ferro-viaria



*ENTRE AMIGOS:*

— Olá! tu por aqui? Para onde é que vais?

— Talvez para o outro mundo...